

Tradução das palavras pronunciada pelo Prof. Dr. Albert Arisó na homenagem póstuma ao Prof. Dr. Luis Bredlow da Universiade Autònoma de Barcelona

Dr. Albert Arisó

Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha

Maio de 2018

Falar sobre meu amigo e colega de trabalho Luis Bredlow é difícil, não porque ele é meu amigo e meu colega de classe...mas porque ele é O Amigo.

Aristóteles, segundo Diógenes Laércio, que você traduziu Luis, afirmou que a amizade é "uma só alma habitando em dois corpos".

Segundo Aristóteles, Luis, a amizade é entendida não como uma relação externa, mas como um caráter, como virtude ética.

A amizade perfeita é baseada na excelência, na virtude e nas escolhas, não somente daquele que é querido, mas, também e acima de tudo, da excelência, virtude e escolha de quem quer.

Publicamente lhe agradeço por ter me desejado o melhor, por cuidar de mim e me ajudar.

Aristóteles classifica as três espécies de amizade como pertencentes a um mesmo gênero:

"Na amizade baseada na utilidade, o que se quer é o bem do amigo pelo benefício que isso nos traz; na amizade baseada no prazer, queremos o bem do amigo pelo prazer que seus atos e sua companhia nos proporcionam; por fim, na amizade baseada no bem e na virtude, o que se quer é o bem do amigo *por ele mesmo*."

Agora, bem, o que é isso de amar o amigo "por ele mesmo" que Aristóteles fala, Luis?

Por que Aristóteles repete várias vezes que "o amigo é outro eu" (héteros autós: E.N. IX, 9, 1169b7,1170b6)?

O que ou quem é esse "eu"?

Na noite anterior à defesa de sua tese sobre Parmênides você estava com Agustín García Calvo e confessou-me que estava preocupado porque tinha que preparar o seu texto para ser lido frente à banca. Agustín disse-lhe, então, como uma recomendação: "Deixe-se falar", isto é, deixe que o verbo prime. E eu interpreto assim: não seja um obstáculo e permita que o verbo aflore que este desdobre todas as suas potencialidades e, assim, ser persona, aquele que soa.

Algo assim acontecia quando nos encontrávamos.

Lembro-me que numa das muitas noites você fez uma prodigiosa reflexão teórica físico-geográfica da via da opinião de Parmênides e eu não sabia se era você quem estava falando ou se era o mesmo logos que falava por sua boca e nos envolvia a ambos.

Esses estados apareciam, Luis, quando nos deixávamos levar e o verbo prevalecia sem mais, não importando quem era eu e quem era você, ou melhor, eu e você éramos os referentes da fala, mesmo alterando-se, fazendo-se e desfazendo-se, explanando-se numa razão comum em que estamos todos desde sempre, sem começo nem fim.

E aqueles momentos de si mesmo, aconteciam em qualquer momento, agora. Quando é agora, Luis?

Esse mesmo agora que um grego antigo descobriria se viesse até nossos dias. Do mesmo modo como vemos agora nas leituras das tragédias gregas que continuam ainda nos interpelando porque tocam as próprias fibras de que somos feitos. Talvez aquele grego se espantasse com os mil dispositivos técnicos, Internet, etc., mas também encontraria algo presente em todas as épocas e que você cultivou: a amizade e o fazer aparecer o melhor de nós.

Como se diz na resenha do livro *Parmênides* que você apresenta com Agustín García Calvo:

"Pois o desejável seria que estas razões, que a deusa disse para Parmênides, se pudessem ouvir, não do modo como ditas e escritas por um grego do começo do século V a.C, na sua época e circunstâncias históricas, mas como se elas estivessem sendo faladas agora e sempre, assim como em uma boa lei, que corresponde à verdade sobre o que "*Não foi nem será*, pois é *agora tudo* de uma vez". O desejável seria, então, uma leitura que levasse em conta, mais do que quaisquer curiosidades históricas ou escolares, os mesmos problemas que esses fragmentos nos estão propondo: o ser e o não-ser, a verdade e a realidade, o finito e o infinito, o contínuo e o discreto, a identidade e o tempo; perguntas que, como não pertencem à história nem a qualquer época, mas às incertezas e perplexidades que a realidade necessariamente sofre de si mesma, seguem sempre vivas e pressionando sempre. "

Anselm Jappe perguntou-me sobre o seu interesse em matemática ou física.

E Luis respondeu-lhe que você vê na matemática, na linguagem, na economia, na física, nas aporias quânticas, maneiras de refletir sobre o que são as coisas com esse componente ético que aparece, sem acréscimos, no mesmo interrogar-se em profundidade, honrado, pelo que as coisas são, pelo ser.

Esse amor pelo pensamento e pelo ser, pela filosofia, leva você a entrar em qualquer domínio do conhecimento, em vez de estabelecer nichos separados e encobrir o que não sabemos, perdendo de vista as próprias razões das coisas e esquecendo o porquê valia à pena viver.

E é que o campo da experimentação do conhecimento se mede, no limite, com o não-saber, nessas interrogações fundamentais que todos temos quando nos deixamos ser e pensar, cutucados pela verdade.

Porque você mantém Luis uma concepção integral da filosofia: Enquanto éramos estudantes, falávamos sobre o projeto de iniciar nossos estudos distribuindo entre nós as épocas. Você cuidaria de filósofos e físicos, na Grécia antiga, e eu ficaria com os físicos e filósofos contemporâneos, para assim abarcar todo o conjunto.

O seu compromisso é tal que a última vez que nos vimos, já no hospital, você pegou minha mão e me disse que nos encontraríamos novamente para continuarmos falando sobre filosofia.

Da mesma forma, o seu compromisso com a Universidade é sério e firme. Lembro-me de uma vez em que falávamos sobre a docência e pesquisa, você me disse que sentia que precisava devolver o que recebera da universidade.

Você pagou a dívida largamente, Luis. Talvez esta seja o meu último discurso nesta universidade e o círculo parece que se fecha, mas eu tenho certeza que vai continuar esta excepcionalidade universal que é a filosofia enquanto a Universidade acolher pessoas como você e mantenha viva a chama do pensar e do ser que você honra.

E assim não se apagará essa mania, essa tensão, enfraquecendo-se até desaparecer lentamente.

Como você disse em seu poema Vigília: "Não para morrer calmo, por algo que valia à pena e que finalmente finda, mas para viver, altivo, bêbado de perseverante orgulho de não se ter rendido".

Sirvam estas palavras de homenagem ao amigo e companheiro, Luis Bredlow.

Texto original en español:

Hablar de mi amigo y compañero de carrera Luis Bredlow resulta difícil hacerlo porque no es que sea mi amigo y mi compañero de curso...es El Amigo.

Aristóteles, según cuenta Diógenes Laercio, que tú tradujiste Luis, afirmaba que la amistad es “una sola alma habitando en dos cuerpos”

Siguiendo a Aristóteles, Luis, la amistad es entendida no como una relación externa sino como carácter, como virtud ética.

La amistad perfecta está basada en la excelencia, en la virtud y en las elecciones, no solamente de aquél que es querido, sino también, y sobre todo la excelencia, virtud y elección del que quiere.

Aquí en público te agradezco que hayas querido lo mejor para mí, de cuidarme y ayudarme.

Aristóteles clasifica las tres especies de la amistad pertenecientes a un mismo género:

“en la amistad basada en la utilidad, se quiere el bien del amigo por el beneficio que nos reporta, en la amistad basada en el placer se quiere el bien del amigo por el placer que nos proporcionan sus actos y su compañía, en la amistad basada en el bien y en la virtud, en fin, se quiere el bien del amigo *por él mismo*.”

Ahora bien, ¿Qué es este, querer al amigo por él mismo del que nos habla Aristóteles, Luis?

Porque Aristóteles repite varias veces que “el amigo es otro yo” (héteros autós : E.N. IX, 9, 1169b7,1170b6).?

¿Qué o quién es ese sí mismo?

La noche anterior en la que tenías que defender tu tesis sobre Parménides estabas con Agustín García Calvo y me confesaste que estabas preocupado porque tenías que preparar tu discurso, Agustín te dijo entonces como recomendación: “déjate hablar” es decir, deja que el verbo prime y lo interpreto de esta manera: no seas obstáculo para dejar que el verbo aflore que despliegue todas sus potencialidades y así ser per-sona, el que suena.

Algo así sucedía cuando nos encontrábamos.

Recuerdo que una de tantas noches me hiciste una prodigiosa teoría reflexión físico-geográfica de la vía de la opinión de Parménides y ahí no sabía si eras tú quien hablabas o era el mismo logos en tu boca que nos envolvía a ambos.

Esos estados aparecían, Luis cuando nos dejábamos llevar y el verbo primaba sin más sin importar quién era yo y quien era tú o más bien yo y tú eran los

referentes del habla mismo alternándose, haciéndose y deshaciéndose, desplegándose en una razón común en la que ya estamos todos desde siempre sin principio ni fin.

Y esos momentos de sí mismo, se daban en cualquier momento, ahora, ¿cuándo es ahora, Luis?

Ese mismo ahora que un griego antiguo encontraría si viniera a nuestros días. Al igual que nosotros encontramos ese ahora en las lecturas de las tragedias griegas que continúan aun interpeándonos porque tocan las fibras mismas de las que estamos hechos. Tal vez ese griego quedaría maravillado por mil artilugios técnicos, por Internet, etc. pero encontraría también algo presente en toda época y que tú cultivabas: la amistad y el sacar lo mejor de nosotros.

Como se dice en la reseña del libro *Parménides* que presentas con Agustín García Calvo:

«Pues lo deseable sería que esas razones que la diosa le decía a su Parménides se hicieran oír, no ya como dichas y escritas por un griego de principios del siglo quinto antes de nuestra era, en su época y circunstancia histórica, sino como si estuvieran diciéndose ahora y siempre, tal como en buena ley corresponde a la verdad sobre lo que ‘nunca fue ni será, ya que ahora es todo a la una’. Lo deseable sería, en suma, una lectura que atendiera, más que a cualesquiera curiosidades históricas o eruditas, a las cuestiones mismas que estos fragmentos nos proponen: el ser y el no ser, la verdad y la realidad, lo finito y lo infinito, lo continuo y lo discreto, la identidad y el tiempo; cuestiones que, como no pertenecen a la historia ni a época ninguna, sino más bien a las incertidumbres y perplejidades que la realidad padece necesariamente acerca de sí misma, siguen vivas y acuciantes siempre.»

Anselm Jappe me preguntaba por tu interés en la matemática o la física.

Y le respondo Luis que tú ves en la matemática, en el lenguaje, la economía, la física, en las aporías cuánticas vías para reflexionar sobre lo que las cosas son con ese componente ético que aparece, sin añadidos, en el mismo interrogarse a fondo, honrado, por aquello que las cosas son, por el ser.

Ese amor al pensar y al ser, a la filosofía, te lleva a entrar en cualquier dominio del conocimiento en vez de establecer nichos separados y tapar lo que no sabemos perdiendo de vista las razones mismas de las cosas y olvidando por qué valía la pena vivir.

Y es que el campo de experimentación del saber se mide, en el límite, con el no-saber, en esas interrogaciones fundamentales que todos tenemos cuando nos dejamos ser y pensar, punzados por la verdad.

Porque Luis mantienes una concepción integral de la filosofía: Mientras éramos estudiantes hablábamos del proyecto de empezar nuestros estudios

repartiéndonos épocas. Tú te ocuparías de los filósofos y físicos, en la Grecia antigua y a mí me tocaban los físicos y filósofos contemporáneos para así cubrir todo el espectro.

Es tal tu compromiso que la última vez que nos vimos, ya en el hospital, me tomaste la mano y me dijiste que volveríamos a vernos para continuar hablando de filosofía.

Como también tu compromiso con la Universidad es serio y firme. Recuerdo que una vez hablando de la docencia y la investigación me comentabas que sentías que tenías que devolver aquello que habías recibido de la Universidad.

La deuda la has pagado y con creces, Luis. Tal vez también sea mi última intervención en esta Universidad y el círculo parece que se cierra pero estoy seguro que continuará esta excepcionalidad universal que es la filosofía mientras la Universidad de cabida a personas como tú y mantengan viva la llama del pensar y ser que honras.

Y así no se apagará esta manía, esta tensión, languideciendo hasta desaparecer lentamente.

Como decías en tu poema Vigilia: “No para morir sosegado, por algo que mereció la pena que por fin expira, sino para vivir, altivo, ebrio de pertinaz orgullo de no haberse rendido.”

Sirvan estas palabras de homenaje al amigo y compañero, Luis Bredlow.